



ANARQUISMOS, HOMOSSEXUALIDADE E QUEER

Flávia Lucchesi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
flalucchesi@gmail.com

RESUMO

Desde o final do século XIX, anarquistas se envolveram de maneiras diversas com a questão da homossexualidade. Dividiram-se entre reprimendas morais, a busca por “soluções” e a defesa das relações amorosas e práticas sexuais livres. Após 68, a proximidade entre anarquismos e essas outras práticas se estreitou no embate direto contra a moral e para revolver os costumes. Na década de 1990, irrompeu no interior do próprio movimento de gays e lésbicas uma força queer que confrontou a *assimilação* via reivindicação de direitos, políticas e a adequação às condutas e ao modo de vida heteronormativos. No novo século, em diversos cantos do planeta, eclodiu pelas ruas o anarcoqueer e a afirmação de lutas que desassossegam queers, anarquistas, o movimento LGBTQIA+ e que enfrentam a sociedade.

Palavras-chave: Queer. Anarquismos. LGBTQIA+.

Hoje, 2022, é possível dizer que xs anarquistas se posicionam a favor, ao lado ou nas lutas LGBTQIA+¹. Umx libertárix que exponha publicamente preconceitos acerca do diverso de gênero e sexualidade será inequivocamente confrontadx por outrxs ácratas². Ainda que haja uma moral entre certxs libertárixs que sustenta tais ajuizamentos. Contudo, não são explicitados, ao menos no contexto democrático ocidental. Frente a isso, cabe questionar: como anarquismos e movimentos LGBTQIA+ se misturam, convulsionam-se, transformam-se mutuamente? Sem esse movimento recíproco de mudanças radicais, não se estará reproduzindo, entre anarquistas, condutas semelhantes às neoliberais enquanto mera tolerância diante da diversidade e dos movimentos de minorias? É a partir dessas indagações e incômodos que esse texto se desenrola.

No final do século XIX e primeira metade do século XX a situação era outra. A maioria dentre anarquistas era contrária às práticas e relações entre pessoas “do mesmo sexo”, consideradas “viciadas”, “degeneradas”, “desviadas”, “pervertidas”; “anormais”,

¹ Atualmente em uso no Brasil dessa forma, a sigla representa: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transexuais, Transgêneros e Travestis; Queers, Questionando; Intersexos; Assexuais, Agêneros, Aliados. Ela está em constante atualização e marca a visibilidade de certas identidades de gênero e sexualidade em detrimento de outras, contidas no sinal de mais ao final. Atenta-se para o fato de que as atualizações e mudanças na sigla explicitam o estado das disputas identitárias.

² A escrita deste texto se insere na luta contra a generalização da linguagem pelo domínio do masculino como totalizante, pretensão universal e neutro. A ruptura com este domínio no campo da língua atravessa embates anarquistas contemporâneos, ao menos desde os anos 1990, quando libertárixs que escreviam em português e espanhol passaram a utilizar símbolos como o @ para indeterminar o gênero. Hoje, em textos ácratas redigidos nestas duas línguas, prepondera o uso do x para substituir as vogais que determinam marcações de gênero.



“antinaturais”. Na imprensa anarquista – contemplando aqui periódicos escritos em português e espanhol – era comum utilizarem os mesmos termos das autoridades como “crimes sexuais”, “pederastas”, “tribades”, “invertidos”, “sodomitas”, “libertinos” e, mais raramente, “homossexuais” – palavra que era também utilizada por quem tinha uma atitude distinta, positiva, em relação a essas outras formas de se relacionar. Vale lembrar que a homossexualidade foi criada pelo saber científico, médico-psiquiátrico, no final da década 1860, junto do seu espelho opositor binário, a heterossexualidade.

X anarquista Piro Subrat (2019), em sua extensa pesquisa *Invertidos y rompepatrias: marxismo, anarquismo y desobediencia sexual y de género em el estado español (1868-1982)*, sublinha três formas recorrentes de tratar essa questão, conforme apresentadas nos jornais ácratas publicados na Espanha desde as décadas finais do século XIX até a derrocada da Revolução. Para Subrat, a maioria dos escritos a este respeito considerava a homossexualidade como uma doença e pretendia curá-la. Havia também muitos textos que a classificavam como um mal social, o qual seria extirpado pela revolução. Neste caso, divergiam xs que julgavam ser uma decisão “pervertida”, “promíscua” – grande parte das vezes vinculada à burguesia, à nobreza e seus “vícios” – e xs que consideravam que xs homossexuais eram “vítimas” – muitas vezes interpretados como decorrentes das instituições disciplinares que esquadrihavam os “dois sexos”, pelo confinamento em escolas, conventos e mosteiros, internatos, prisões, hospícios e quartéis. Ainda assim, em meio à multiplicidade que dá formas à anarquia, encontravam-se outros tons e jeitos de lidar, que afirmavam a liberdade de cada umx de viver e experimentar suas relações amorosas e sexuais.

Na Espanha, nos anos 1930, o médico ácrata Félix Martí Ibáñez se dedicou ao estudo da homossexualidade e distinguiu o que denominava “homossexualidade-inversão” de “homossexualidade-perversão”, procurando dar estatuto científico aos dois discursos difundidos com maior ênfase nos jornais libertários do período. De acordo com às teses psicanalíticas, Ibáñez defendia uma bissexualidade inata dos seres humanos, a qual, “naturalmente”, deveria “evoluir” para heterossexualidade. Para ele, todo um conjunto de saberes médico-*psi* poderia ser acionado para “curar” esta doença e/ou conduzir por meio de uma “educação sexual infantil reta” (IBÁÑEZ *apud* SUBRAT, 2015, p. 52). Chama atenção que, não somente em Ibáñez mas em outrxs anarquistas, havia uma inversão e a manutenção da crença em uma verdade: “a medicina, como a religião que em outros tempos salvaria a alma, reorientaria a psiquê do indivíduo descarrilhado e ‘desviado’” (CLEMINSON, 2008, p. 184).

Até mesmo entre xs libertárixs que compuseram a Liga Española por la Reforma Sexual – grupo que existiu em outras localidades europeias – a homossexualidade não era aceita. A



anarquista Hildegart Rodríguez, uma das fundadoras da Liga, escreveu em 1933, “o homossexual é ordinário, vaidoso, melancólico, moroso, hostil ao mundo, um tanto poeta, predisposto à exaltação religiosa e às alucinações. [...] a maioria deles o é por desvio congênito” (RODRÍGUEZ *apud* SUBRAT, Op. Cit., p. 79). Em outro texto, anos antes, ela demarcou o problema: “a homossexualidade representa por si só um atentado a uma das garantias da vida do homem” (IDEM). Como Ibáñez, ela propunha uma educação sexual rígida das crianças nas Escolas Modernas, onde meninas e meninos estudavam juntxs em salas mistas. Nas páginas de impressos ácratas, algunxs chegavam a defender intervenções médicas como o transplante de testículos “héteros” em homens “homo”, tal qual proposto pelo médico Serge Voronof. Em pouco tempo, puderam rever seu autoritarismo mal disfarçado após a ascensão Nacional Socialista na Alemanha e as notícias das inúmeras torturas praticadas por médicos nazistas que faziam de presxs – também aquelxs identificadxs como homossexuais – cobaias de seus experimentos, castrações e administrações hormonais forçadas.

Xs anarquistas que postulavam as práticas não-heterossexuais como “vícios” tendiam a igualá-las ao alcoolismo, à “opiomania” e “cocainomania”, bem como outras “aberrações” que tangenciavam o âmbito jurídico-policial como o “necrosadismo” (necrofilia), a “bestialidade” (zoofilia), a “pederastia” (pedofilia). Apoiando-se no saber médico, condenavam também a masturbação; a feminina que era tida como propensão ou estímulo “safista” (lésbico). Segundo Subrat, *La Revista Blanca* era o periódico mais beligerante contra estas formas de prazer, fundado em 1889 por Soledad Gustavo e seu companheiro, Federico Urales. Até 1905 foi, possivelmente, a revista que mais publicou escritos sobre a questão sexual e o amor livre em território espanhol. Soledad Gustavo foi uma ferrenha entusiasta dessas relações livres, por ela entendidas como “a verdadeira elevação do sentimento digno e puro que devem professar dois seres de sexo diferente” (GUSTAVO *apud* SUBRAT, p. 28). O casamento monogâmico, chancelado e eternizado pelo Estado e pela Igreja, era professado nas páginas da *Revista Blanca* como uma das causas do “tribadismo e da pederastia”, assim como as instituições disciplinares de confinamento. Considerava-se a “obra de invertidos, verdadeira aberração intelectual de seres que odeiam a Natureza” (CAMBA *apud* SUBRAT, p. 29). Nos anos 1920, a direção do periódico passou para a filha do casal, Federica Montseny, que dava continuidade: “ainda que não deva haver diferenças entre os humanos, não é possível considerar iguais um trabalhador perseguido por suas opiniões e um batedor de carteiras ou um homossexual” (MONTSENY *apud* SUBRAT, p. 57).

Por vezes, alguns textos sequer buscavam uma justificativa racional, supostamente científica ou dita natural, e partiam para ofensas que acabavam autoritariamente por



esquadrinhar os limites do que pretendiam definir como o amor livre. Tal como se nota em um trecho de Mariano Gallardo, publicado em *Iniciales*, no ano de 1934, “só um canalha ou um imbecil [...] é capaz de confundir a liberdade com o vício, a beleza diamantina do amor anárquico, livre, com o esterco pestífero dos vícios sexuais” (GALLARDO *apud* SUBRAT, p. 69).

Em uma pesquisa no arquivo da imprensa anarquista na Argentina, olhando para as publicações de 1880 a 1930 e atenta às experiências de liberdade sexual e emancipação das mulheres, em *Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual* (2017), a socióloga Laura Fernández Cordero mostra que por lá a homossexualidade também era majoritariamente execrada, com tratos semelhantes aos que Subrat destacou na imprensa ácrata na Espanha. Ela destaca das páginas do arquivo pesquisado que “às vezes, a homossexualidade funcionava como um limite corretivo para as versões mais radicais do amor livre” (*Op. Cit.*, p. 131). No importante periódico anarquista em circulação por longo período em terras portenhas, *La Protesta*, explicitava-se esse temor: “se consideramos natural e lógica a poligamia, quem poderá opor-se a consumação do incesto e da sodomia? Ninguém!!” (*LA PROTESTA*, n. 1431, 1908 *apud* CORDERO, *Idem*).

Em 1895, no editorial do número primevo de *La Libre Iniciativa*, declarava-se: “será um periódico altamente batalhador, combaterá os ‘hermafroditas’ e os ‘pederastas’ do anarquismo” (*LA LIBRE INICIATIVA*, n. 1, 1895 *apud* CORDERO, p. 130). Um ano depois, o editorial de *El Perseguido*, respondia à pergunta: será que a anarquia faria os “ímorais” desaparecerem? Considerava que “com o amor livre, a destruição das preocupações sociais e a lucidez dos puros sentimentos naturais, estes costumes não mais serão contraídos” (*EL PERSEGUIDO*, n. 98, 1986 *apud* CORDERO, p. 134). Compreendiam “estes costumes” como “vícios”, decorrências sociais. Contudo, enfatizavam um tom compreensivo, caso tais hipóteses não se comprovassem no futuro, “isto não deixará de ser uma anomalia, mas ninguém dirigirá seus olhares, nem estigmatizará, desde que sempre fique em conformidade recíproca de quem a pratique” (*IDEM*, p. 135).

Nas páginas da imprensa libertária produzida no Brasil, a questão da homossexualidade era praticamente inexistente. É o que mostra a tese *As sexualidades d’ plebe: sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal A Plebe (1917-1951)*, de Ana Claudia Ribas (2015). Ela sublinhou uma rara passagem sobre essa temática em um dos jornais ácratas de



maior circulação e de mais longa existência no Brasil, *A Plebe*³. Em 1934, o anarquista Campos de Carvalho, ao confrontar a valoração da virgindade das mulheres, comparou: “uma jovem, por exemplo, que se entrega a amores lésbicos com uma companheira, sem o perigo de haver ruptura do hímen, será para nós mais ‘pura’ do que a outra que já trouxe do berço a ausência da membrana, sem conhecer relações sexuais?” (CARVALHO *apud* RIBAS, 2015, p. 179). Apesar de breve, neste trecho, nota-se que o tom do autor difere dxs demais citadxs anteriormente, sem que se entreveja uma conotação de juízo moral ou científico.

Também ao pesquisar no arquivo da imprensa libertária, em *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista – Brasil 1890-1930*, a historiadora Margareth Rago (2014) analisou como xs anarquistas lidavam com as questões que emergiam do campo moral. Segundo ela, “três principais núcleos de problematização se evidenciam quando os anarquistas abordam questões que procuram definir uma nova economia do desejo: a emancipação da mulher; as relações afetivas e a moral sexual; e as práticas condenáveis” (RAGO, 2014, p. 129). Contudo, não aparecem debates enfáticos e calorosos sobre a homossexualidade, tal como ocorria em terras vizinhas e do outro lado do Atlântico, na Espanha. As práticas condenáveis pela moral anarquista majoritária eram referentes à prostituição e à masturbação, ao álcool e ao fumo, ao futebol e ao carnaval. Essas práticas eram alvo de uma moral anarquista por serem tidas como aquilo que afastaria o operário da luta pela revolução social, que também era recoberta de certa moralidade quando pretendia implementar uma *nova sociedade*.

Em alguns excertos de campanhas contra o carnaval, redigidos em *A Plebe*, é possível ver nas entrelinhas a condenação da homossexualidade, como em dois textos publicados em 1919. O primeiro, situava esta festa como um “regresso das devassidões da Idade Média, de revivescência das devassidões usadas outrora em Sodoma e Gomorra” (A.C. *apud* RIBAS, 2015, p. 195); o segundo, reclamava contra a “festa de loucuras [...] homens vestem-se de mulheres, as damas se travestem” (MARINHO *apud* RIBAS, p. 197). Tais críticas, ainda que não reproduzam o discurso médico ou legal acerca da homossexualidade, e que nem mesmo abordem essa questão escancaradamente, repercutiam a moral vigente.

Todavia, não havia unísono e há de se enfatizar que o modo como ácratas se dispuseram a lidar com a questão da sexualidade foi o mais franco e radical à época. Em 1929, no número

³ Periódico anarquista e anticlerical fundado por Edgard Leuenroth e Fábio Luz em meio à Greve Geral de 1917. Foi publicado até 1951 com algumas interrupções por conta de perseguições e censuras pelo governo. Em suas páginas era possível encontrar notícias de anarquistas por todo o planeta, artigos de diferentes procedências e vertentes, e anúncios de festas e das Escolas Modernas de São Paulo.



75 da renomada revista libertária *Estudios*, foi traduzido do holandês para o espanhol “La ambisexualidad”, de Johannes Rutgers. Cinco anos depois de sua morte, o breve artigo foi traduzido de forma incógnita para a revista, assinado por F.O.. Quase um século depois, em 2013, “La ambisexualidad” foi reproduzida no fanzine⁴ *Anarqueer*, com a indicação de que foi “o primeiro texto proveniente do anarquismo ibérico a favor da dissidência sexual” (*Anarqueer* #4, p. 30). Ainda que chame atenção a tradução sem autoria declarada, essa publicação em uma revista de ampla circulação e prestígio entre libertárixs, afirmou-se na contramão da tendência majoritária anarquista –

presente e recorrente na própria revista –, que condenava estas práticas afetivas-sexuais.

Desde a Holanda, o médico anarquista Johannes Rutgers procurou mostrar como a restrição de se relacionar somente com pessoas do “sexo oposto” se conectava ao ciúme e ao temor excessivos da concorrência entre aqueles do “mesmo sexo”. Supunha que, ao aceitarem e se abrirem para a homossexualidade, a solidariedade se ampliaria. De forma muito própria, ele explicitou a indissociabilidade entre hetero e homossexualidade; “frequentemente sentimos compaixão pelos homossexuais, como se eles estivessem limitados à eleição de seus afetos íntimos, mas esquecemos que para os heterossexuais a mesma questão se manifesta” (RUTGERS, 2013, p. 31). Assim como foi perspicaz ao mostrar a fragilidade da pretendida rigidez binária entre homens e mulheres, afirmando: “há em cada um de nós uma mescla de dois sexos – exatamente como somos provenientes de uma mescla dos dois. O tipo puramente macho e o tipo exclusivamente fêmea são ideais extremos de uma infinita sucessão de estações intermediárias” (IDEM, p. 32). Dentre estas estações, segundo ele, os homossexuais eram um dos “fenômenos de transição mais importantes entre os dois tipos extremos que temos o costume de considerar normais” (IBIDEM). Argumentou que as crianças, em seus primeiros anos, não mostram nenhuma preferência quanto ao sexo das pessoas que as agradam, tampouco apresentam características sexuais “bem determinadas” (IBIDEM, p. 33).

É salutar sublinhar que, neste rápido escrito, redigido tempos antes de sua publicação original ao final dos anos 1920, anunciava como a sexualidade e o que, desde meados da década 1950 chama-se gênero, são indissociáveis. Rutgers sinalizava para o que caracteriza a própria definição de gênero⁵, ressaltando não se tratar de um determinismo biológico, ao dizer que “no

⁴ “Espécie de caderno de baixo-custo, ligado ao movimento punk e anarquista, com o principal objetivo de veicular textos informativos e literários que podem e devem ser reproduzidos em vias de aumentar sua circulação fora do mercado editorial comercial. Muitos textos são traduções ou ensaios críticos publicados sem consentimento dos/as autoras e refletem escolhas ético-políticas pelo anonimato ou pela negação da propriedade intelectual” (SOUZA, 2016, p. 27).

⁵ O termo foi cunhado pelo psicólogo John Money, em meados de 1950, nos Estados Unidos. Resumidamente, pode-se dizer que a palavra gênero passou a ser empregada para definir um “papel social” ou uma “identidade



caráter pessoal de cada homem, encontram-se os vestígios de algo que podemos denominar feminino – e masculino em cada mulher” (IBIDEM).

EM OUTRAS LÍNGUAS

Em Berlim, no ano de 1896, Adolf Brand editou e publicou o primeiro número do periódico *Der Eigene* (O Único), que compilava textos e manifestos anarquistas, prosas, poesias, conteúdo artístico e fotografias de homens nus. *Der Eigene* é o primeiro periódico “homossexual” do qual se tem registros até hoje. Todavia, são raras as pesquisas e análises a seu respeito. Foram poucas as cópias remanescentes às fogueiras do Nacional-Socialismo que, logo em 1933, destruíram praticamente todos os volumes encontrados. Perseguido, Brand encerrou a publicação e as atividades a ela vinculadas, especialmente a *Gemeinschaft der Eigenen* (Comunidade de Únicos), fundada por ele em 1903. Era um grupo exclusivamente de homens, voltado às artes e à literatura, marcado por grande influência da cultura grega antiga. À destruição deste arquivo pela incineração nazista, soma-se um evidente pouco interesse pelo jornal vinculado à temática que, após os primeiros anos predominantemente ácrata, foi se tornando mais voltada às “teorias masculinistas sobre o sexo, sexualidade e eugenia” (STEWART, 2019, p. 87). Adolf Brand exaltava o status superior dos homossexuais masculinos, uma “elite crítica da sociedade moderna” (BRAND *apud* STEWART, 2019, p. 89). Por meio da divulgação de obras de arte e literatura, acreditava poder demonstrar a “superioridade dos homossexuais na sociedade alemã” (STEWART, 2019, p. 89). O anarquista John Henry Mackay escrevia ao *Der Eigene* sob o pseudônimo Sagitta. Seu primeiro poema de *boy-love* apareceu nessas páginas em 1905. Foi ele quem recuperou a obra de Max Stirner, *O único e sua propriedade*, e a difundiu com a publicação de *Max Stirner. Sein leben und sein werk* (1898). Mackay praticava amor livre com outros homens e se distanciou de Brand precisamente por se opor ao culto masculinista, por vezes imbricado em misoginia (KENNEDY, 2002).

O culto ao masculino, acrescido do naturismo e da valorização de corpos fortes e viris, em uma Alemanha às vésperas do governo Nacional-Socialista, parecia estar em um limiar desconcertante de proximidade com a professada vanglória da superioridade do homem ariano.

psicológica” que não necessariamente correspondem ao “sexo biológico”, ao sistema reprodutivo e à genitália possíveis de serem enquadrados como exclusivamente masculinos ou femininos. Há uma longa exposição sobre a criação do gênero no livro *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (2018) de Paul B. Preciado.



Na negação de encarar tamanha nebulosa, a existência e a obra de Adolf Brand são praticamente desconhecidas ou relegadas intencionalmente ao esquecimento por anarquistas. Por sua vez, ativistas LGBTQIA+ também ignoram Brand e o legado da primeira revista “homossexual”. Evitam enfrentar o culto ao masculino e suas conexões com o horror de regimes autoritários, notadamente o nazista. Os efeitos de ambas as tentativas de apagar essa história, tanto para anarquistas quanto para minorias sexuais e de gênero, são desastrosos. Permitem a continuidade da valorização do masculino, da virilidade, da macheza, recrudescendo o binarismo de gênero em ambos os espaços, e dão brechas para o avanço do fascismo também entre cidadãos LGBTQIA+⁶.

Antes da devastação promovida pelas tropas nazistas, havia uma efervescência muito particular neste território acerca da sexualidade. Adolf Brand e a Comunidade de Únicos se aproximavam de uma abordagem social da homossexualidade. Para eles não se estava no campo do domínio científico, fosse para estigmatizar ou amparar a homossexualidade como uma doença ou herança congênita, fosse para defender sua naturalidade e normalidade. Era o que argumentava o médico Magnus Hirschfeld ao apregoar o caráter científico dessa “condição natural”. Frente ao evidente fracasso das tentativas médicas, como a castração e o implante de testículos “hetero”, Hirschfeld constatou e propagou que inexistia cura, pois não se estava diante de uma doença. Em 1919, ele fundou o *Institut für Sexualwissenschaft*, pioneiro nos estudos sexológicos. Foi lá, sob a sua assistência, que se realizaram as primeiras cirurgias de “mudança de sexo” das quais se têm poucos registros. Em 1933, uma das primeiras operações nazistas foi saquear e destruir o Instituto e queimar seu arquivo. Anos antes, em 1897, Hirschfeld criou o *Wissenschaftlich-humanitäres Komitee* (Comitê Científico Humanitário – CCH) voltado à defesa científica da homossexualidade na luta contra sua criminalização. A iniciativa repercutiu pelo planeta com a fundação de comitês locais, como nos Países Baixos, onde Johannes Rutgers batalhou pela liberação sexual, considerando as práticas homo em igualdade.

Em 1923, a anarquista Emma Goldman escreveu uma carta para Magnus Hirschfeld, na qual evidenciou a importância de seu encontro com sua obra. Ela teve contato com as suas contribuições e de outros sexólogos como Havelock Ellis, Edward Carpenter e Krafft-Ebing quando viajou à Europa para estudar enfermagem. Nesta época assistiu palestras de Sigmund Freud que também foram decisivas para sua compreensão sobre a sexualidade. “Desde então,

⁶ Essa discussão aparece nos livros *A arte queer do fracasso* (2020) de Jack Halberstam, e *Terrorist assemblages: homonationalism in queer times* (2007) de Jasbir K. Puar, onde a autora desenvolve o conceito de *homonacionalismo*.



sempre defendi, tanto em minhas conferências como em meus artigos, aqueles cujos sentimentos e necessidades sexuais têm uma orientação distinta” (GOLDMAN, 1923, p. 02), afirmou a libertária. Contudo, Goldman não se restringia a replicar os estudos e teses científicos, ela propagava sua leitura ácrata dessas questões. Antes mesmo de ter esse conhecimento teórico sobre sexualidade, ela foi uma das mais comprometidas na luta contra a prisão do escritor libertário Oscar Wilde, condenado pela justiça britânica a dois anos de prisão e a trabalho forçado, em 1895, por “indecência grave” e “sodomia”. Nesta mesma carta, ela redige o porquê de, mesmo antes e independente dos saberes específicos, lançar-se na batalha pela liberdade do poeta: “como anarquista meu lugar sempre foi ao lado dos oprimidos. Todo o julgamento e a sentença de Oscar Wilde me surpreenderam, parecendo-me um ato de horrível injustiça e de repugnante hipocrisia por parte da sociedade que o condenava” (IDEM).

Desde a virada para o século XX, Emma Goldman foi uma das pessoas mais incisivas no combate à perseguição e condenação de qualquer ato sexual exercido livre e consensualmente. No ocaso da Primeira Guerra Mundial, a anarquista realizou inúmeras conferências e leituras coletivas em cidades estadunidenses acerca da homossexualidade, da liberdade no amor, da maternidade voluntária e contra a guerra. Em suas anotações sobre sua própria existência, *Vivendo minha vida* (2015), Goldman escreveu sobre os encontros com pessoas não-heterossexuais e as conversas que desdobravam de suas falas públicas. Tocada pela proximidade com o “ostracismo social do invertido”, ela afirmou o enfrentamento desta situação como uma luta ácrata: “para mim, o anarquismo não era apenas uma mera teoria para o futuro: era uma influência viva para nos libertar das inibições, internas e externas, e das barreiras destrutivas que separam o homem do homem” (GOLDMAN, 2015, p. 404). Mais de uma vez, certos anarquistas tentaram censurá-la e coibi-la a não tratar de temas “antinaturais”. Argumentavam que o anarquismo era pouco compreendido, malvisto, e que atrelá-lo às “formas sexuais pervertidas” era desaconselhável. A libertária jamais obedeceu aos clamores destes ácratas. Pelo contrário, dizia sem titubear: “a censura por parte de meus camaradas tinha o mesmo efeito sobre mim que a perseguição policial – dava-me segurança, e me tornava mais determinada a lutar por toda vítima, fosse de um mal social, fosse do preconceito moral” (IDEM, p. 403).

A prisão de Oscar Wilde não repercutiu somente incendiando as lutas travadas por Emma Goldman. Também nos Estados Unidos, os libertários Alexander Berkman, Benjamin Tucker e John William Lloyd se insurgiram contra a moral puritana e a pretensão ao governo do sexo, das paixões e amores, pouco importava qual o “sexo” da pessoa ou qual a prática sexual vivenciada. Segundo Terence Kissack (2008), autor de *Free Comrades: anarchism and*



homosexuality in the United States, 1895-1917, os efeitos da condenação do escritor entre anarquistas que viviam no país foram decisivos para “a defesa da homossexualidade [como] um tópico de discussão persistente. Nenhum outro movimento político do período se engajou com esforço similar para lidar com o lugar legal, moral e social do desejo pelo mesmo sexo” (2008, p. 67). Kissack enfatiza a importância das batalhas anarquistas pela liberdade das pessoas não-heterossexuais como uma procedência das lutas do movimento homossexual nos Estados Unidos da América. Os anarquistas se recusaram a deixar a voz de Oscar Wilde “ser silenciada e trabalharam para garantir que outros não partilhassem seu destino cruel. [...] O trabalho dos anarquistas *sex radicals* foi único e valioso” (IDEM, p. 188).

AMOR RADICALMENTE LIVRE

Se alguns anarquistas se valiam da defesa do amor livre como um equivalente de elevação moral, esbarrando em ideais de pureza quase anedóticos do paraíso cristão; outros tentavam colocar freios e governar o amor livre, temerosos de que acarretassem “vícios” sexuais, homossexualidade, prostituição, objetificação da mulher, demolição da família e do parentesco tal qual o conheciam. Outros ainda, dedicaram-se a repensar o amor livre, transformando radicalmente seus costumes, práticas e modos de se relacionar.

Émile Armand foi um libertário apaixonado, lançou-se a revolver costumes e anarquizou anarquistas com suas análises e propostas de experimentações radicais do amor livre. Sua noção de *camaradagem amorosa* foi atacada por libertários em todo o planeta, ao longo das primeiras décadas do século XX, como uma “libertinagem”, “incitação à prostituição”. Alguns jornais traduziam seus textos censurando passagens específicas, assim como faziam, anos antes, com trechos de *Le nouveau monde amoureux* (1816) de Charles Fourier. Até o presente, no Brasil, a obra de Armand e Fourier são muito pouco lidas e reverberadas. Em 1935, o jornal *Iniciales*, circulou pela Espanha o texto “Lo que queremos los anarcoindividualistas” de Émile Armand. Associando o anarcoindividualismo à *camaradagem amorosa*, ele foi direto ao afirmar que se voltavam a combater “o ciúme sentimental-sexual, a propriedade corporal e o exclusivismo no amor [...] propagam a tese da ‘camaradagem amorosa’. Reivindicam todas as liberdades sexuais (desde que não violentas, de dor, engano ou venalidade)” (ARMAND *apud* SUBRAT, 2015, p. 60). Em *Libertinaje y prostitución: grandes prostitutas y famosos libertinos: influencia del hecho sexual en la vida política y social del hombre*, traduzido e publicado na Espanha em 1932, Armand apresentou uma pesquisa da



prostituição e da homossexualidade, confrontando a condenação e perseguição de práticas sexuais que eram rechaçadas também por libertárixs.

Conterrâneo de Armand e também anarcoindividualista voltado às questões amorosas, Han Ryner elaborou suas análises e contribuições acerca do amor livre como *amor plural*. Sua obra também não circula muito em terras brasileiras, mas rendeu uma conversação densa com a libertária Maria Lacerda de Moura que, no final dos anos 1920, escreveu *Han Ryner e o Amor plural*. É possivelmente a primeira obra, extensa e de fôlego, a lidar com o tema do amor livre publicada em português e redigida no Brasil. Em 1934, Ryner escreveu um verbete para a palavra amor, publicado na *Enciclopédia Anarquista* de Sébastien Faure.

Na linguagem mais corrente, amor designa a afeição por um ser cujo contato sexual é desejado, sonhado ou experimentado. [...] Definição excessivamente estrita e que resolve, com um dogmatismo sorrateiro, uma grave questão. Quer o fato agrade, quer não, existiram e continuam existindo amores entre pessoas do mesmo sexo. Várias legislações condenam o amor homossexual, que é recebido com zombaria ou severidade pela opinião pública. [...] Será que isso acontece por que essa forma de amor seguramente evita as armadilhas do gênio da espécie? [...] Ou ainda por que as religiões modernas condenam o prazer, só lhe concedendo alguma tolerância caso ele contribua às supostas finalidades de Deus ou da Natureza? Nesse domínio, o anarquista obedece a seus gostos pessoais e nunca censura os gostos inocentes diferentes dos seus. Ora, ele chama de inocente o que não faz mal a nenhuma pessoa real. Quanto às famosas “pessoas morais”, ele as considera, dependendo do caso, com a mais fria indiferença ou a mais legítima hostilidade. [...] Hoje não se usam mais fogueiras. Por vezes ainda se mata sorrateiramente. (RYNER, 2012, p. 30-31).

Em plena Revolução Espanhola, em março de 1937, Lucía Sánchez Saornil, uma das instauradoras da *Mujeres Libres*⁷, escreveu ao jornal *Juventud Libre*, confrontando a permanência e continuidade do casamento entre libertárixs na revolução. À época, nos ateneus e sindicatos, casais recebiam certidão de casamento em cerimônias realizadas por seus camaradas. Questionou enfática: “se passamos anos afirmando que para a união de dois seres bastava o livre consentimento de ambos e que o certificado matrimonial não era outra coisa que um contrato de venda, que explicação daremos à estas absurdas cerimônias [...]?” (SAORNIL, 2015, 76). Para ela, assim reproduziam o matrimônio burguês abençoado pela Igreja e outorgado pelo Estado, pois da mesma maneira exerciam uma “intromissão pública no ato carnal” (IDEM, 77). Além dos alertas explícitos, nota-se no modo de escrever da anarquista,

⁷ Durante a Revolução Espanhola, foi fundada a *Federación Mujeres Libres* voltada às mulheres e com o objetivo de expandir as relações e práticas de liberdade entre elas. De 1936 a 1939, publicaram a revista *Mujeres Libres*. Ver: RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. *Mujeres libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.



certos detalhes que deixam nas entrelinhas a defesa do amor livre também entre pessoas do “mesmo sexo”.

Saornil teve uma relação de vida com América Barroso. Eram amigas. Após sua morte, em 1970, muitas especulações sobre uma provável “lesbianidade” foram suscitadas por pesquisadorxs, anarquistas não-heterossexuais, lésbicas e feministas. Acrescenta-se nas “suspeitas” o fato de a libertária ter publicado poemas dedicados a mulheres sob o pseudônimo de Luciano de San Saor, e dela trajar vestimentas consideradas masculinas. Aventou-se polêmica e bochichos. Aqui, novamente, anarquistas e LGBTQIA+ (especialmente as lésbicas) se distanciam, mas produzem efeitos similares. Xs anarquistas ignoram e tratam com desimportância o fato de algunxs libertárixs não serem heterossexuais, resultando em histórias que parecem sempre de ácratas heterossexuais mais esclarecidxs e simpáticxs ou aliadxs da causa LGBTQIA+. Já as lésbicas e outras minorias sexuais tentam delimitar, forçar uma categorização e fazer uma pessoa morta sair do armário. Em ambos os casos, permanecem incólumes em seus lugares, não se abrem às histórias e existência livres, capazes de nos fazer repensar e nos revirar. Como disse Saornil: “a Revolução deveria começar em nós próprios, e se não o fazemos, perderemos a Revolução social, nem mais, nem menos, nossa mentalidade burguesa não fará senão revestir os velhos conceitos com roupas novas, conservando-os em toda sua integridade” (IBIDEM).

SEXO SOLTO E REVOLTA

Se em relação à revolução cabiam alertas e discussões como a levantada por Lucía Sánchez Saornil, a revolta é inequívoca: começa em cada umx. Eclode em si e contra si mesmxx, antes de tudo. Aproximando-nos agora das décadas finais do século XX, por meio da revolta, explicita-se a mútua agitação entre anarquia e modos outros de se relacionar amorosa e sexualmente. Neste recorte temporal, especialmente após 68, há uma longa bibliografia voltada aos estudos dos movimentos homossexuais e de liberação sexual. De modo que opto por adentrar no emergente movimento homossexual no Brasil que, diferente da Argentina, da Espanha e de tantos outros países, não teve uma Frente de Liberação Homossexual, mas cuja irrupção foi atravessada pelos anarquismos. Tampouco proporei uma longa incursão no movimento estadunidense, cujas histórias e desdobramentos são mais amplamente conhecidos, indo diretamente à eclosão dos embates queer no interior do próprio movimento de gays e lésbicas.



Em 1978, em plena ditadura civil-militar brasileira, foi impresso o primeiro número do jornal *Lampião da Esquina* que, editado entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, propunha afirmar a luta homossexual e aglutinar forças nesse sentido. Com tiragem regular e circulação amplificada, ao longo de quatro anos, o *Lampião* teve 37 números, dentre os quais é possível encontrar afirmações anarquistas e ecos libertários, ainda que não fosse um jornal ácrata. Na edição n. 26, foi veiculado um trecho do livro *Um ensaio sobre a revolução sexual*: “o corpo humano, por sua própria natureza, é receptivo a todas as gamas de estímulos sexuais: nem mesmo bissexual, mas polisssexual” (GUÉRIN, 1980, p. 11). Nele, Daniel Guérin sublinhou que essa maneira de lidar com o sexo e as relações amorosas fora apresentada por Charles Fourier há um século, e por anarquistas décadas antes, da eclosão de 68. Esse excerto veio acompanhado de um breve texto de João Silvério Trevisan, um dos principais articuladores do *Lampião*. Ele conheceu o livro de Guerin quando viveu um “impasse a três” com outros dois homens: foi uma “leitura tão reveladora que me serviu de bálsamo e amenizou a frustração dos meus amores pretenciosos” (TREVISAN, 1980, p. 11). Ainda que elogioso ao livro da “bicha anarquista francesa” (IDEM), ele não deixou de evidenciar o estranhamento frente a proposta marxista-libertária, inconciliável e improvável, de Guérin.⁸

Havia, nesta passagem de Daniel Guérin e em outros textos libertários, um argumento reiterado de que era preciso uma outra sociedade, “coletivista de caráter libertário” (GUÉRIN, *Op. Cit.*) ou “verdadeiramente revolucionária” (BITTENCOURT, 1980, p. 08), para que a homossexualidade fosse experimentada livremente. Consideravam que a sociedade de então era incompatível com tais práticas “heréticas e subversivas” (IDEM). Poucos anos depois dessas publicações, o próprio movimento homossexual indicaria ser essa uma análise equivocada, ao encaminhar-se para reivindicações políticas inclusivas que se mostraram bastante profícuas ao funcionamento da racionalidade neoliberal. O que se constata e confirma na atualidade.

Neste mesmo ano de 1980, uma carta assinada por E.B., defendeu a cama como “epicentro da subversão; território possível da mudança” (1980, p. 19); uma maneira de romper com o apego do movimento “aos valores e fórmulas consagradas e consolidadas pelo Poder” (IDEM). Frente à moral revolucionária, a autoria incógnita clamava “pelo tesão e pelo prazer!” (IBIDEM). O artigo “Pequenos gestos, pequenas revoluções”, de Marcus do Rio, situou-se em

⁸ Guérin sempre afirmou que as obras de Marx foram preponderantes em sua trajetória. Entretanto, na década de 1950, entrou em contato com os anarquismos pela leitura de *L'en Dehors*, periódico publicado por Émile Armand nos anos 1920. Ali haviam escritos de Max Stirner, e sobre ele, que seriam vitais para os escritos posteriores de Guérin. Além disso, o contato com a obra de Bakunin também foi decisivo para o deslocamento de perspectiva de Guérin e para sua crítica ao stalinismo e ao leninismo. A partir do contato com anarquistas, ele propôs uma síntese entre anarquismo e comunismo que seria o comunismo libertário. No Brasil, sua obra foi publicada pela editora Germinal, coordenada pelo anarquista português Roberto das Neves.



sentido semelhante: “não é a política e sim a autogestão desejante que constitui um meio e um fim na realização de seus objetivos [...] experimentando agora o gozo do futuro” (RIO, 1980, p. 9).

No mesmo período em que era editado o *Lampião da Esquina*, na Bahia era publicado o jornal anarquista *O Inimigo do Rei*. De existência mais longa que o *Lampião*, era uma publicação anarcossindicalista, mas abordava uma profusão de temas que “ultrapassavam a militância libertária nos sindicatos” (SIMÕES, 2011, p. 13). Apresentava reflexões e discussões sobre liberação sexual e homossexualidade. Gustavo Simões pesquisou o arquivo deste jornal ácrata e mostrou como, de maneira única, “atualizaram a crítica aos costumes, incorporando novas maneiras de ver as práticas na atualidade, como o sexo e as drogas” (SIMÕES, 2007, p. 177). Textos como “Sexualidade anistiada”, “Homossexualismo & política”, “Trabalhadores de todo o mundo, façamos uma grande suruba” avançaram para demolir as teses repressivas em torno do sexo, propagando relações livres dos acordos monogâmicos e a “total liberação sexual [...] todos trepam com tudo (com tudo mesmo, dos mundos vegetal, mineral ou animal)” (PACHECO, 1980, p. 10). O desejo por e o prazer com pessoas do “mesmo sexo” eram afirmados como “uma possibilidade erótica que está em todos” (*O Inimigo do Rei*, n. 4, 1979, p. 16). Frente à política de abertura declarada pelo governo do militar Ernesto Geisel, anarquistas “esculhambavam” (SIMÕES, 2007; 2011): “a cama é a revolução. Anistia para as práticas sexuais. Ato sexual amplo, geral e irrestrito” (PACHECO, *Op. Cit.*).

A partir do sexo que “é, em si, anárquico, por definição e ação” (*O Inimigo do Rei*, n. 18, 1984, p. 04), expandia-se uma força antissocial contra sua redução à procriação, como recusa capaz de “derrubar os alicerces da sociedade” (IDEM). Família, herança, propriedade eram colocadas em xeque, pois se “todo mundo fode com todo mundo, ninguém sabe quem é pai de quem” (IBIDEM). Defendiam: “amor livre e liberdade sexual, o sexo apenas por prazer, pelo prazer, com quem a pessoa quiser, onde e como quiserem. Todas as formas de foder são válidas e legítimas, desde que, exatamente, propiciem prazer, da maneira mais ampla possível a cada um de nós” (IBIDEM).

Enfrentava-se a sociedade e o governo civil-militar, assim como as pretensões revolucionárias socialistas autoritárias e as promessas de melhoria dos partidos que se projetavam no contexto da abertura política. Este aqui e agora, sem futuro, encontra reverberações em queers anarquistas nas décadas recentes. Nos anos 1990, eclodiram pelas ruas estadunidenses forças que se afirmavam queer, dando outro sentido a esta gíria pejorativa da língua inglesa, empregada contra pessoas identificadas como homossexuais e estranhas. Fazendo outro uso dessa palavra exclamavam um revide. Desdobravam-se de rupturas e



embates diretos com o movimento de gays e lésbicas que, neste momento, fixava-se na luta por direitos e inclusão; por *assimilação* à ordem. Um dos efeitos reativos à estigmatização da Aids como “peste” ou “câncer gay”, na conduta de muitas pessoas não-heterossexuais, foi a reprodução da heteronorma. Procuravam negar serem promíscuos, pervertidos, doentes, contagiosos, espelhando o mesmo e anunciando um discurso que, em resumo, dizia: “somos iguais a vocês”.

Um dos grupos que apareceu após divergências e rupturas na ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power), quando a Coalizão se alinhava mais à política institucional, foi a Queer Nation. Durante a Parada do Orgulho Gay em Nova York, em 1990, foi distribuído um panfleto incógnito – depois atribuído a este grupo –, no qual se via em letras garrafais: “queers leiam isso!”. Diante da raiva da Aids e seus efeitos e de tudo que se explicitava a respeito da sociedade, essas pessoas afirmavam que não queriam ser incluídas, fazer parte, tornarem-se o mesmo. Um dos textos panfletados na ocasião foi “Um exército de amantes não pode perder”, que exaltava a coragem dxs que “saíam do armário” pelo prazer, dispostxs a encarar “a rejeição da sociedade” (QUEER NATION, 2016, p. 04). Semelhante aos escritos de libertárixs no *Lampião da Esquina* e no *Inimigo do Rei*, incitava fazer “de cada rua uma parte da nossa cartografia sexual” (IDEM). Encerrava sugerindo que cada umx deveria olhar sua vida e “enxergar o que nela há de melhor, o que há de torto (queer) e o que há de norma (straight) e mandar a norma à merda! Lembrem-se que temos pouco, tão pouco tempo. E eu quero ser um amante para cada um de vocês” (IBIDEM). Neste escrito, de autoria incógnita, definiu-se queer como:

não é sobre um direito à privacidade; é sobre a liberdade de ser público, de simplesmente sermos quem somos. [...] Ser queer significa levar um outro estilo de vida. Não é sobre o mainstream, margens de lucro, patriotismo, patriarcado ou sobre ser assimilado. Não é sobre diretores executivos, privilégio e elitismo. É sobre estar nas margens, definindo nós mesmxs; é sobre desfazer gênero e segredos, sobre o que está abaixo do cinto e, profundo, dentro do coração. É sobre a noite. Ser queer é ser ‘local’ porque sabemos que cada uma de nós, cada corpo, cada gozo, cada coração e cú e genitália é um mundo de prazeres esperando para serem explorados. Cada uma de nós é um mundo de possibilidades infinitas. (IBIDEM).

REVOLTA ANARCOQUEER

Assim como a Queer Nation apareceu de diferenças inconciliáveis no interior da ACT UP, dela também se ramificaram outros agrupamentos e estouraram rupturas. As Pink Panthers foram uma delas. O grupo ganhou forma durante reuniões da Queer Nation e partiu para a ação



separada como um contra-ataque às crescentes violências, no início da década de 1990, que tinham como alvo pessoas não-heterossexuais. As panteras rosas-choque agiam nos lugares onde havia maior incidência dessas violências para revidá-las. Moviam-se a partir da exclamação “bash back!” (literalmente, bater de volta). Apesar da evidente influência dos Black Panthers, andavam desarmadxs e propagavam táticas de autodefesa. Em bandos, vestindo camisetas pretas com um triângulo pink invertido⁹ e uma pata felina em seu centro, muitas vezes, bastava suas presenças para afugentar os acoissadores e violentadores de pessoas identificadas como não-heterossexuais.

A prática do revide às violências se difundiu entre queers, expandindo-se do contra-ataque aos acoissamentos, ameaças, espancamentos e violências sexuais para o ataque direto contra alvos precisos: organizações de direita e extrema-direita; grupos pró-vida e religiosos que pregam a eliminação do diverso do gênero e da sexualidade; a polícia e demais forças de segurança, incluindo entidades LGBTQIA+ *assimilacionistas* que sustentam e recrudescem essa ordem social. Em meados dos anos 1990, queers trajando preto e rosa compuseram as Drag March, evento apartado da Pride de Nova York que afirmou a luta *antiassimilação* como uma festa estranha, desinteressante ao mercado, e com disposição para o enfrentamento certo da propriedade, da ordem e da polícia. Na virada do século, deram outros tons aos blocos negros como praticantes da tática *black bloc* durante as batalhas de rua que eclodiram em Seattle, em 1999, no que ficou conhecido como movimento antiglobalização. No início dos anos 2000, a presença dos pink blocs nas Marchas Drag era impreterível.

Em 2008, às vésperas da campanha que culminou na eleição de Barack Obama, anarcoqueers alastraram o revide como ataque. Interessava dar forma a uma presença queer libertária e combativa durante as Convenções Nacionais Democratas e Republicanas, confrontando diretamente as minorias esperançosas com a candidatura do democrata negro. Por meio de fanzines e publicações digitais, sob o nome aglutinador de Bash Back!, propagaram práticas libertárias e ações diretas, em suas formas múltiplas, visando incitar sua eclosão em todas as localidades do território estadunidense. O objetivo era expandir o que agrupamentos queers anarquistas vinham fazendo em algumas cidades, notadamente no conservador centro-oeste do país. Agitava-se uma rede anti-hierárquica de levantes descentralizados que tinham como objeto de luta comum atacar os inimigos dxs queers e as forças *assimilacionistas* do movimento LGBTQIA+. Na introdução à edição estadunidense de *Bash Back! queer*

⁹ O triângulo invertido era a marcação feita em pessoas presas nos campos de concentração nazistas por serem, ou parecerem, homossexuais. Passou a ser bastante utilizado pela ACT UP acompanhando seu slogan: “silêncio = morte”.



ultraviolence anthology, Fray Baroque, umx dxs organizadorxs do livro escancarou: “nossos maiores inimigos são o Estado, a Igreja, os agressores de queers e o capitalismo. Contudo, os inimigos que mais partem nossos corações são aqueles que subscrevem às noções puristas, liberais e acadêmicas o que é ser queer radical” (BAROQUE; EANELLI, 2011, p. 30).

Ao mapear as diferenças entre queer e queer anarquista, a partir de um arquivo de fanzines produzidos na Argentina, no Brasil e nos Estados Unidos, na dissertação *Queer: canteiro de obras* (2016), Mauricio Marques de Souza analisou os escritos de grupos associados à Bash Back!, ao Coletivo Coiote e à Revista Rosa, às Ludditas Sexxxuales e à Manada de Lobxs. Para o pesquisador, mais do que falar em redes, coletivos, gangues ou organizações, é possível pensar em *manadas queer* que

carregam as características de um agrupamento entre individualidades singulares que se encontram circunscritas pela potência de um encontro sem delimitações espaço-temporais. Percorrem trajetos não definidos em busca de procurar algo ou simplesmente de não permanecer parados. As manadas não possuem contratos sexuais ou afetivos que as inserem nas lógicas do familismo; abrem campos para encontros furtivos e desterritorializados onde as minorias potentes abrem campo para explorar suas singularidades. Um agrupamento que enquanto preserva seu caráter animalesco não possui identidade solidificada e não pretende se fixar em modelos de organizações. Entre seus membros cada um é uma própria manada. (SOUZA, 2016, p. 66).

Assim, olhando para essas *manadas queer* que desconhecem fronteiras e demarcações espaço-temporais, encontramos em outros lugares o pulsar de práticas que, em língua inglesa e no contexto estadunidense ganhariam o nome de *bash back*. No início de 2005, propôs-se a realização, na Espanha, do encontro queer internacional Queeruption. Ocorreria na *okupa* Casa Queer de Montgat, que foi invadida pela polícia poucos meses antes do evento. À época havia mobilizações reativas do Foro Español de la Familia frente ao progresso da demanda pelo casamento homoafetivo no Congresso. Distantes dessas negociações institucionais e sem recuar, xs queers decidiram tomar um navio embarcado no município de L'Hospitalet del Llobregat, próximo à Barcelona, para sediar o Queeruption. A polícia monitorou e acossou xs participantes durante todos os dias do encontro. No último dia, quando várixs queers irromperam pelas ruas contra o capitalismo rosa (*pink money*) e avançaram contra propriedades, especialmente do empresariado gay barcelonês, a polícia reagiu com sua inerente violência. Xs queers permaneceram nas ruas, em luta. A repercussão midiática e judicial condenou o Queeruption e manteve 9 queers, que foram detidxs na ocasião, sob processo durante quatro anos (*Anarqueer #5*, 2013). Já o casamento homoafetivo foi outorgado pelo Estado. Anos antes, em 2001, também em Barcelona, a ORGIA (Organización Reversible de Géneros Intermedios



y Artísticos) e a Assembleia Stonewall interromperam o fluxo das *carrozas* (carros alegóricos de protesto) durante a Marcha del Orgullo. Desde o início do novo século, diversas *manadas queer* apareceram na Espanha.¹⁰ Assim como ocorreu nos Estados Unidos e em tantos outros lugares. A luta afirmada pelas *manadas* que compunham a Bash Back! reverberava, sem encontrar nela um ponto de origem, tendo em comum a revolta e o modo autogestionário de lidar com as questões cotidianas.

Pessoas queer precisavam de moradia, autodefesa, coisas de boa qualidade e prazer. Por consequência, ocuparam casas, comunizaram armas e treinaram juntas, saquearam o máximo que puderam e organizaram festas, motins e orgias. Nessa altura, qualquer luta que não implique imediatamente a própria vida dos participantes está fadada à irrelevância. (VÁRIOS AUTORES, 2020, p. 93).

Há uma particularidade do contexto estadunidense que vale ser destacada, além da antologia organizada por Baroque e Eanelli (2011; IDEM) e rapidamente disponibilizada online, o arquivo produzido pelas *manadas queer* da Bash Back! – especialmente composto por zines – se encontra facilmente acessível. No caso espanhol, além do Archivo Transfeminista/Kuir, páginas de distribuidoras de zines e pequenas edições como a Peligrosidad Social, também facilitam localizar os registros de histórias que costumam passar despercebidas inclusive entre anarquistas.¹¹ É o que se pode notar ao acompanhar os sites de notícias libertárias que buscam difundir planetariamente ações diretas – tanto as insurrecionais quanto a escrita de análises e reflexões ou a organização de encontros e eventos. Há uma desatenção, intencional ou não, pouco importa, perceptível hoje e nas últimas décadas, com as batalhas e experimentações anarcoqueer.

A Bash Back! buscava também “esculpir um espaço queer dentro das lutas anarquistas” (IDEM, p. 86). Tegan Eanelli enfatiza que “grupos anarquistas predominantemente hétero como o RNC Welcoming Committee e o CrimethInc” (IBIDEM, p. 87) recorrentemente omitiam a presença anarcoqueer em suas publicações. Quando muito falavam em protestos “estilo bash back”, “questões queer” ou reduziam essxs anarquistas a “anticapitalistas”. A demarcação desta distinção estilística era tão sem fundamento que, quando as *manadas* Bash

¹⁰ No site do Archivo Transfeminista/Kuir há uma cronologia do movimento de liberação sexual/LGTBQ na Espanha. Disponível em: <https://www.laneomudejar.com/archivo-transfeministacuir/>. Acesso em: 28 jul. de 2022.

¹¹ No site Monstruosas há um compilado de “7 Marchas dissidentes do Orgulho LGBT na América Latina” escrito por Emma Álvarez Brunel e traduzido para o português pelo Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura. É um raro registro dessas ações no contexto latino-americano. Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2017/12/25/7-marchas-dissidentes-do-orgulho-lgbt-na-america-latina/>. Acesso em: 28 jul. 2022.



Back! e os pink blocs irrompiam em manifestações maiores, como por exemplo os protestos anti-G20, estes prestigiados grupos anarquistas diluíam xs anarcoqueers nos blocos negros. Logo, não se tratava de afirmar diferenças, mas de apartar e uniformizar conforme o interesse. Oscilando entre a omissão das ações queer libertárias, a redução a “causas menores” e/ou a diluição dessa presença como homogeneização dxs anarquistas, resultava-se no apagamento dessas existências e lutas. Xs próprixs ácratas empurrando xs *outrxs ácratas* para o ostracismo, enquanto mantinham suas condutas retilíneas, adequadas à tolerância neoliberal da diversidade e sua moral, e a “mentalidade burguesa” revestindo “os velhos conceitos com roupas novas, conservando-os em toda sua integridade”, para lembrar as palavras de Lucía Sánchez Saornil (*Op. Cit.*).

A Bash Back! enquanto essa proposta aglutinadora, propagadora e impulsionadora de levantes queer insurretos existe desde o final de 2007, nos preparativos para as campanhas presidenciais do ano seguinte, até 2010. Em junho de 2011, em Seattle, pelo terceiro ano consecutivo, queers tomaram as ruas na Semana do Orgulho. Apareceram repentinamente por volta da meia noite. O primeiro alvo foi uma concessionária da Ferrari. A polícia chegou e viaturas foram atacadas. Pelos caminhos de fuga, caixas eletrônicos foram depredados. Lançaram ao vento panfletos em que se lia em destaque: “não ao homonacionalismo, não ao homomilitarismo, não à assimilação” (*Anarqueer #3*, 2012).

As ações diretas nas ruas prosseguem até o presente em vários cantos da América do Norte. Em junho de 2014, na Cidade do México, *manadas* como AVE de México, Hombres XX, Colectivo Poliamor, Migrantes LGBT, Colectiva de Gafas Violetas, Colectivo Anarcoqueer, Maricas Antiespecistas compuseram o Bloque Rosa da Marcha do Orgulho. No mesmo mês, em 2019, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Hamilton, no Canadá, foi atacada por grupos de extrema-direita – neonazistas, supremacistas brancos, religiosos, pró-vida e nacionalistas – que tentaram interceptar a Parada. Estenderam um grande tecido preto ao longo das vias por onde passavam as pessoas não-heterossexuais, enquanto proferiam ameaças, especialmente contra queers, imigrantes e negrxs. Rápidxs, queers vestidxs de preto e com os rostos cobertos por balaclavas e panos rosa choque, revidaram. Os fascistas e neonazistas não acabaram com o evento e não tocaram em nenhuma das pessoas não-heterossexuais a quem, minutos antes, buscavam intimidar e acossar. A polícia iniciou uma perseguição axs libertárixs que culminou em processos judiciais (apenas contra queers anarquistas). Nos meses de junho e julho de 2022, queers saíram pelas ruas dos Estados Unidos. No Texas, frente às crescentes violências e ameaças de grupos de extrema-direita antiLGBTQIA+, afirmaram: “nós não estamos com medo. Nós não vamos retroceder. *We will bash back!*”. Em Washington D.C.,



cerca de 30 anarquistas invadiram uma marcha contrária à participação de pessoas trans em competições e eventos esportivos de acordo com suas identificações de gênero. Ainda que em número muito menor, xs queers encararam organizações de extrema-direita e de TERFs (Feministas Trans Excludentes), tremulando a bandeira preta e rosa choque com o “A na bola” anarcotrans (o A no círculo composto com os símbolos do feminino, do masculino e de ambos), trouxeram um ruído incômodo ao evento reacionário.¹²

No dia 23 de setembro de 2021, no centro da capital mexicana, machos vendedores ambulantes, portando paus, canos e pedras, partiram para cima de queers que trabalham e coexistem em La Tianguis Sexodisidente. Ao menos desde 2021, estxs libertárixs ocupam um espaço público para vender os materiais que produzem, fazer música, dançar, comer juntxs, dar aulas públicas e oficinas, armar festivais e apresentações artísticas, provocar encontros e protestos. Imediatamente, e nos dias que se seguiram, manifestações tomaram este espaço e as ruas ao redor. Monumentos aos colonizadores e chefes de Estado foram pintados com “A na bola” anarcotrans. Durante os protestos de rua, foram encapsuladxs pela polícia e não esmoreceram.¹³

Nos primeiros meses de 2022, frente às perseguições, prisões e tentativas de maior criminalização de certxs manifestantes no México, incidindo preferencialmente sobre anarquistas mulheres e queers, foi formada a Frente Radikal Sexodisidente. Composta por pessoas trans, mulheres, *marikas*, *lenchitudes*, a Frente procura aglutinar forças e brindar com “saúde e anarquia todas as monstruosas repudiadas pela sociedade binária”¹⁴. Em julho, juntaram-se à Antipride com o intuito de tomar a *primera linea* da Parada do Orgulho na capital. A Antipride começou a ganhar corpo em 2019 pela ação de pessoas da ala *marica*¹⁵ mais radical da capital mexicana, incomodadxs com o domínio do movimento LGBTQIA+ por “coletivos

¹²“7 Marchas dissidentes do Orgulho LGBT na América Latina”. Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2017/12/25/7-marchas-dissidentes-do-orgulho-lgbt-na-america-latina/>; “Steven Monacelli On How Communities In Texas Are Mobilizing Against Rising Far-Right And Anti-LGBTQ+ Forces”. Disponível em: <https://itsgoingdown.org/steven-monacelli-on-texas-mobilizing/>; “Anarchists Confront Far-Right And TERF Coalition In DC”. Disponível em: <https://itsgoingdown.org/anarchists-confront-terfs-in-dc/>. Acessos em: 28 jul. 2022.

¹³“Encapuchados causaron destrozos en Insurgentes durante protesta de comunidad LGBTQ+”. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/mexico/2021/09/25/encapuchados-causaron-destrozos-en-insurgentes-durante-protesta-de-comunidad-lgbtq/>; “La Tianguis Sexodisidente”. Disponível em: <https://www.facebook.com/la.tianguis.disidente/>. Acessos em: 28 jul. 2022.

¹⁴“Frente Radikal Sexodisidente”. Disponível em: https://m.facebook.com/Frente-Radikal-Sexodisidente-105181852097653/posts/?ref=page_internal&mt_nav=0. Acesso em: 28 jul. 2022.

¹⁵ Termo muito recorrente na produção queer latino-americana. Neste contexto, seu significado não é restrito aos homens gays – o que, no Brasil, pode-se traduzir como bixa – mas usado também para outras sexualidades e gêneros com um sentido combativo. Assim como a palavra queer, *marica* era um termo utilizado originalmente como uma ofensa direcionada a homens que eram ou pareciam ser homossexuais, implicando uma característica “efeminada”. Em alguns materiais, encontra-se a expressão *anarcomarikas*, por vezes grafada com a letra k em referência à escrita *anarcopunk* (*anarcomarikas*).



de gente muito politicamente correta, de ideologias brancas, burguesas e de ativistas de selfie”.¹⁶ Declaradamente anarquistas, essas *manadas queers*, como Resistencia Queer, Resistencia Radikal Kuir e CRAQ (Colectiva Resistencia Ácrata Queer), juntaram-se para abrir espaço, possibilitar encontros do diverso libertário em ruptura com os movimentos de minorias LGBTQIA+ *assimilacionistas*; com os feminismos estadista, neoliberal e TERF – cujo pensamento feminista radical impregna também setores do anarcofeminismo –; com punks e ácratas que não se abrem para essa luta e as transformações precisas dela decorrente.

No Chile, no dia 1º de julho de 2017, saiu pelas ruas de Santiago o Bloque La Otra Marcha. Apartada do que nomeiam provocativamente de “Oficialismo Gay™”, explicitaram questões “que não se resolvem com o matrimônio igualitário e que não afetam os homossexuais higienizados de classe alta que não têm problemas em se integrarem ao sistema heterossexual”.¹⁷ Entre 2016 e 2017, o coletivo Travestis Rabiosas também levou adiante ações diretas na capital chilena. Definindo-se como “mais do que um coletivo travesti”, apresentava-se como um ponto de encontro “anormal e caótico entre corpos indisciplinados que negaram a determinação biológica desde a perspectiva binária do sexo. Rechaçamos a higienização da política ‘trans’ e reconhecemos nossa história travesti resistente-sudaka-puta-criminal”.¹⁸

Essas lutas anarquistas travadas por minorias sexuais e de gênero expõem outras forças que agitaram este território, procedências do que o revolveu nos últimos meses de 2019 com a explosão de revoltas incessantes, circunstancialmente apaziguadas somente no ano seguinte pela disseminação do novo coronavírus e da COVID-19. No Brasil, em julho de 2013, em meio às revoltas que ficaram conhecidas como as *jornadas de junho*, uma ação direta estremeceu forças variadas. No Rio de Janeiro ocorria a terceira edição da Marcha das Vadias, já bastante marcada por partidos de esquerda e demandas feministas ao Estado, das quais sobressaía o coro por direitos e segurança. Ao mesmo tempo, a cidade recebia os fiéis católicos da Jornada Mundial da Juventude. E a Força Nacional marchava com suas armas e tanques pelas ruas. Frente e em meio a tudo isso, duas pessoas encapuzadas, vestindo apenas tapa-sexos feitos com adornos religiosos, abriram espaço entre as feministas. Destruíram imagens sacras e umx delxs tomou os restos quebrados de um crucifixo, os colocou em um preservativo e penetrou nx outrx. A ação direta foi reivindicada pelo coletivo Coiote. Foi execrada pela organização da Marcha

¹⁶ “Resistencia Queer: la lucha del colectivo de cuerpos disidentes más radical en México”. Disponível em: <https://terceravia.mx/2020/02/resistencia-queer-la-lucha-del-colectivo-de-cuerpos-disidentes-mas-radical-en-mexico/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

¹⁷ “Declaración La Otra Marcha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/335574007550343/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

¹⁸ “Lanzamiento Fanzine ¡Travestis Rabiosas!”. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/209801972764609/?ref=newsfeed>. Acesso em: 28 jul. 2022.



das Vadias e, quase unanimemente, por todos os coletivos. Serviu como alvo exemplar de ataques da extrema-direita e direita – e demais moralistas ao centro e à esquerda – junto à performance “Xereca Satânica”, realizada na Universidade Federal Fluminense, e ao grupo Putinhas Abortadeiras. É importante sublinhar que essas ações e a presença de queers *encapuchadxs* na revolta chilena e nas *jornadas de junho* costumam passar despercebidas.

Mais ao sul da América do Sul, em 20 de novembro de 2016, na cidade argentina de Neuquén, *tortilleras* irromperam: “fim deste orgulho, princípio do nosso caos”. No panfleto que distribuíram de dorso nu, escreveram:

porque o Estado fagocita nossas palavras e as vomita sem história, sem marcas, sem danos, limpas, cirúrgicas, assépticas, dóceis. Porque as organizações lgbttti elegem pactuar lugares nas instituições estatais [...] porque iluminam com luzinhas coloridas as paredes da casa do governo onde recordamos com pichações os nomes dxs mortxs, deixando nas sombras a memória pública de nossas dores, ao passo que essas mesmas paredes protegem os assassinos. Porque os feminismos registrados com nome próprio e com espírito punitivista só podem nos imaginar mortas ao grito de ‘*ni una menos*’, [...] porque estamos alarmadas pela obsessão securitária e suas formas de regulação sexual. [...]

Caos porque nossos corpos e desejos transbordam, estalam, contaminam tudo, querem tudo. Porque nossos suores, salivas, fluxos, raivas não cabem nas suas leis. Porque não queremos pedir nada aos nossos assassinos, queremos sacudir tudo, mover tudo, destruir tudo.¹⁹

Em 2020, em plena COVID-19, trans libertárixs marcaram as ruas de Quito, no Equador, com afirmações anarquistas em pichações e *lambe-lambes*. Em outubro, em Montevideú, no Uruguai, ocorreu o primeiro Encuentro anarquista de mujeres, tortas, tortes, lesbianas, travas, trans, no binaries y marikas. O evento foi presencial e convidou a quem

como anarquista despreza profundamente o patriarcado, seu binarismo heteronormativo e todas as suas hierarquias, assim como o capitalismo e suas lógicas mercantis e neoliberais, que cooptam a dissidência para convertê-la em diversidade, e fagocitam a aceitação e o respeito para gerar novos nichos de mercado e consumo.²⁰

Em 2021 foi realizado o segundo encontro. Neste mesmo ano, em Bogotá, na Colômbia, ocorreu a primeira contramarcha, pois “um orgulho gay, branco, burguês não é um orgulho, é uma vergonha”. Com faixas e gritos de “morte ao capitalismo rosa”, “nem oprimidas, nem

¹⁹“Fin de este orgullo, principio de nuestro caos”. Disponível em: https://1.bp.blogspot.com/-bnZNUrWxU/WDSJHHmiIFI/AAAAAAAAA00/nFzVdrwsHvE1_J738fbYmyNgGvEr4NdOwCLcB/s1600/p_araweb.jpg. Acesso em: 28 jul. 2022.

²⁰“Encuentro 2020”. Disponível em: <https://lequebuscaencuentra.blogspot.com/2020/05/nos-atravesia-la-necesidad-y-el-deseo.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.



opressoras”, queers dançaram ao redor do fogo que queimou barricadas no meio da Marcha. Em 2022, foram novamente às ruas, interromperam o itinerário dos carros alegóricos e desafinaram a harmonia da celebração neoliberal do Orgulho.

No dia 16 de fevereiro de 2021, a anarquista Emilia Milen H. Obrecht, conhecida como Baucis ou simplesmente Bau, foi executada por sicários do condomínio Riñimapu, em Panguipulli, no Chile. Ela, uma jovem mulher trans de 25 anos, vivia com xs mapuche em Lof Llazcawe. Morava nessas terras e lutava por elas, pelas águas, pelas florestas e todos os seres vivos que habitam estes espaços. A vida de Bau foi encerrada por uma bala cravada em seu crânio. O disparo veio de algum capanga servil dos “grupos florestais, represas, indústrias de salmão confinado, imobiliárias, que são máfias político-empresariais, cartéis, contratistas de sicários que, através de sua política e da guerra, exterminam tudo o que cruza seus caminhos”.²¹ Mais de um ano depois, sequer se sabe publicamente quem matou Bau e quem ordenou essa operação armada contra xs mapuche.

Diversas ações diretas foram levadas adiante em terras mapuche e nas urbes chilenas, e delas expandiram para outros cantos. Ações incendiárias, insurrecionais, escritas com tinta em propriedades, difundidas em páginas virtuais e encontros anarquistas, marcadas em letras que saúdam a existência de Bau “como em toda a terra que semeou sementes, sementes que agora são plantas fortes, bosques, sementes que são *kutxal* y *weichan* (fogo e luta). [...] Sua existência prevalece e como sempre transmuta e se faz cada vez mais forte”.²² Pois é o pulsar da “memória incendiária e insurreta contra os latifundiários invasores de Wallmapu e seus repugnantes sicários, contra o empresariado e todo tipo de progresso humano que devasta a terra, contra todas as jaulas humanas e animais. Que a fúria se transforme em fogo! Só morre quem é esquecidx!”²³.

Bau, corajosa, lançou-se à vida junto com xs mapuche, anarquistas, bichos, plantas e outras forças vivas “sem medo da morte, sem medo de continuar através da memória viva de cada dia de combate como travesti, mulher ativa e combativa na liberação da terra, das águas e

²¹ “Contra el patriarcado, contra el capitalismo: Emilia en nuestra memoria combativa”. Disponível em: <https://lequebuscaencuentra.blogspot.com/2021/09/contra-el-patricarado-contra-el.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

²² “En memoria de Emilia Milen Baucis: ‘Vivía en movimiento como las plantas que sembró, siempre creciendo’”. Disponível em: <https://lazarzamoracolectivalesbofem.wordpress.com/2021/07/05/enmemoriadeemiliabau/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

²³ “Afiche en memoria de la compañera Emilia Baucis”. Disponível em: <https://es-contrainfo.espiv.net/2021/07/27/estado-chileno-afiche-en-memoria-de-la-companera-emilia-baucis/>. Acesso em: 28 jul. 2022.



dos animais”.²⁴ Hoje sua memória e luta seguem vivas, tanto nas flores e frutos que desabrocham das sementes e mudas plantadas por ela, quanto nas batalhas incansáveis travadas por mapuche e anarquistas ao sul da América e não só. “Desde territórios e posições distintas a luta não descansa. Continua forte. Nosso coração tem tanta água como fogo. Estamos juntxs e nossa *newen* [força] é imensa como as raízes de uma *pewen* [araucária] e indômita como os grunhidos dos pumas”²⁵.

DIFERENÇAS ANARQUIZANTES

Bau é mais uma, junto a tantxs outrxs aqui citadxs, por vezes incógnita ou indiretamente, a compor essa constelação das lutas e existências queer libertárias. Impossíveis de serem contidas por fronteiras de quaisquer tipos e por demarcações espaço-temporais: se algunxs correspondem ao comum da época em que vivem, outrxs experimentam de maneiras únicas as possibilidades infinitas de existir e se relacionar.

Ao longo dos dois últimos séculos, anarquistas mostraram coragem ao encarar assuntos intocados por demais socialistas. As formas de lidar com a questão da homossexualidade explicitam diferenças entre libertárixs que não podem ser encaixadas nos tradicionais escaninhos binários de individualistas ou coletivistas. É uma questão própria dos costumes e modos de vida, que expõe até que ponto eram – e são – revolvidos, conservados ou revestidos nas relações anarquistas. As diversas forças ácratas que anunciavam esses combates no final do século XIX e início do XX evidenciam essas nuances e divergências mais claramente. Indicam como as liberdades se expandiam e se contraíam, reduzindo-se ao se misturarem e reproduzirem os discursos da ordem e as condutas majoritárias.

Mesmo no campo da expansão das práticas de liberdade havia diferenças e chama atenção que, um século depois, sigam praticamente desconhecidas histórias como a de Adolf Brand e do primeiro periódico “homossexual”; de sua discordância com o médico Magnus Hirschfeld, que implicava uma recusa do saber médico, do reconhecimento jurídico e da norma; e o enfretamento travado por John Henry Mackay ao culto masculinista e à misoginia que impregnavam a Comunidade de Únicos e Brand. Certas histórias *menores* entre anarquistas e

²⁴ “Contra el patriarcado, contra el capitalismo: Emilia en nuestra memoria combativa”. Disponível em: <https://lequebuscaencuentra.blogspot.com/2021/09/contra-el-patricarado-contra-el.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

²⁵ “En memoria de Emilia Milen Baucis: ‘Vivía en movimiento como las plantas que sembró, siempre creciendo’”. Disponível em: <https://lazarzamoralectivalesbofem.wordpress.com/2021/07/05/enmemoriadeemiliabau/>. Acesso em: 28 jul. 2022.



minorias sexuais e de gênero que passam ao largo até o presente, espelhando o jeito de contar a história dos vencedores, entre xs vencidxs.

Até mesmo a presença vibrante de Emma Goldman como agitadora em defesa da liberdade no amor, nas relações sexuais e contra as perseguições aos homossexuais, é pouco mencionada enquanto uma possível procedência do movimento homossexual nos Estados Unidos da América. Localidade onde eclodiram, anos mais tarde, movimentos de minorias com projeção planetária. Goldman, assim como o médico libertário pouco conhecido, Johannes Rutgers, afirmou essas questões como inerentes às lutas e existências anarquistas, independente dos gostos de cada umx.

As discussões acaloradas na imprensa libertária sobre amor livre também apresentam as diversas maneiras de anarquistas lidarem com as suas relações amorosas, entre amigxs, camaradas amorosxs, como amor plural, repercutindo também na educação das crianças. O enfrentamento ou adequação à moral burguesa e religiosa trazem uma outra tensão entre a expansão da anarquia e sua redução, por vezes chegando a tangenciar proposições autoritárias, reproduzir o discurso jurídico e os castigos, tentar governar o amor livre.

A anarquia ganhou outras dimensões com 68, ao misturar-se com certas minorias dispostas a revolver os costumes e modos de se relacionar e viver. O amor livre foi experimentado junto à liberação sexual total, afirmando um confronto direto com a moral, fosse a da ordem, fosse a de certxs ácratas. O sexo solto, o prazer e a não-monogamia implodiam o que poderíamos chamar de heteronorma. Noção que emergiu dos estudos queer na década de 1990, mesmo período em que irrompeu pelas ruas dos Estados Unidos uma força queer. Afirmava-se na luta contra a sociedade e o próprio movimento de gays e lésbicas que almejava *assimilação* a esta mesma ordem, implicando sua impreterível redução ao mesmo.

O que irrompeu nos Estados Unidos com o nome de queer e radicalizou-se como anarcoqueer e em experimentações como a Bash Back!, ressoa em outros cantos do planeta. *Manadas queer* que tiveram e têm outros nomes, outras línguas; existências únicas que propagam a revolta e um modo de vida queer libertário. Desde a virada do século até o presente, pulsam com intensidades múltiplas e, muitas vezes, despercebidas. Ou são propositalmente deixadas no ostracismo também entre anarquistas, que em sua maioria, declaram-se contrários a homo-lésbo-transfobia, por vezes até apoiando causas democráticas reivindicadas pela maioria entre essas minorias. De modo que acabam por sustentar a continuidade dos direitos e suas intrínsecas penalizações. Não se dispõem a se transformarem radicalmente, a lutarem contra si mesmxx, nem a questionarem ao que estão sendo levadxs a servir. No agora, as nuances e forças em luta são mais difíceis de se cartografar. A pergunta que abre este texto permanece



sem uma resposta fechada. Mas aqui se apresentam pistas, alertas, outros tons e sons que emergem das batalhas dessas forças. Outras histórias, experimentações, existências; uma constelação para outro singrar livre. Estamos vivxs!

REFERÊNCIAS

- BAROQUE, Fray; EANELLI, Tegan. **Queer Ultra Violence**. San Francisco: Ardente Press, 2011.
- BITTENCOURT, Francisco. Mais tesão, menos politicagem. **Lampião da Esquina**, n. 27, 1980.
- CLEMINSON, Richard. **Anarquismo y sexualidad (España, 1900-1939)**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2008.
- CORDERO, Laura Fernandez. **Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2017.
- E. B. Bicha de briga. **Lampião da Esquina**, n. 28, 1980.
- GOLDMAN, Emma. **Vivendo minha vida**. Tradução de Nils Goran Skare. Curitiba: L.Dopa, 2015.
- GOLDMAN, Emma. Letter to Magnus Hirschfeld. In: **Emma Goldman Papers**, n. 208. Amsterdam: International Institute of Social History, 1923. Disponível em: <https://archive.org/details/emmagoldman1923/mode/2up>.
- GUÉRIN, Daniel. Devolver aos homossexuais o gosto pela vida. **Lampião da Esquina**, n. 26, 1980.
- KENNEDY, Hubert. **Anarchist of love: the secret life of John Henry Mackay**. San Francisco: Peremptory Publications, 2002.
- KISSACK, Terence. **Free Comrades: Anarchism and Homosexuality in the United States, 1985-1917**. Oakland: AK Press, 2008.
- PACHECO, Antônio Carlos. Sexualidade anistiada. **O Inimigo do Rei**, n. 9, 1980.
- QUEER NATION. Manifesto Queer Nation. **Caderno de Leituras**, série intempestiva, n. 53. Tradução de Roberto Romero, 2016.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista – Brasil 1890-1930**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- RUTGERS, Johannes. La ambisexualidad. In: **Anarqueer #4**. Madrid: Distribuidora Peligrosidad Social, 2013.



RIBAS, Ana Claudia. **As sexualidades d' plebe**: sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal A Plebe (1917-1951). Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RIO, Marcus do. Pequenos gestos, pequenas revoluções. **Lampião da Esquina**, n. 26, 1980.

RYNER, Han. Amor. In: **Revista verve**, n. 21. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Nu-Sol, 2012. p. 30-36.

SAORNIL, Lucía Sánchez. **A questão feminina em nossos meios**. Tradução de Thiago Lemos Silva. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

SIMÕES, Gustavo. **Roberto Freire**: tesão e anarquia. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, 2011.

SIMÕES, Gustavo. Por uma militância divertida: o inimigo do rei, um jornal anarquista. **Revista verve**, n. 11, p. 168-181, 2007.

SOUZA, Mauricio Marques. **Corpos queer**: canteiro de obras. Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, 2016.

SUBRAT, Piro. **Invertidos y rompepatrias**: marxismo, anarquismo y desobediencia sexual y de género em el estado español (1868-1982). Salamanca: Imperdible, 2019.

STEWART, Andrew. A Journal for Manly Culture: An Exploration of the World's First Gay Periodical. In: **Papers of the Bibliographical Society of Canada / Cahiers de la Société bibliographique du Canada**, v. 57. Montréal (Québec): Université de Montréal, 2019. p. 85-105.

TREVISAN, João Silvério. Meus encontros com Daniel Guérin. **Lampião da Esquina**, n. 26, 1980.

VÁRIOS AUTORES. **Bash Back!** Ultraviolência queer. Tradução de Pontes Outras. São Paulo: Crocodilo edições; n. 1 edições, 2020.

Fanzines e jornais

Anarqueer #3, 2012.

Anarqueer #5, 2013.

O Inimigo do Rei, n. 4, 1979.

O Inimigo do Rei, n. 18, 1984.

Recebido em: 31 de julho de 2022
Aceito em: 19 de dezembro de 2022